

Territorialidades e uma “práxis libertadora” na dinâmica mercantil globalizada: o caso do artesanato em Caçapava do Sul/RS

Henrique Rudolfo Hettwer

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.
e-mail: henriquehettwer@gmail.com

Daiane Loreto de Vargas

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.
e-mail: loretoDEVARGAS@gmail.com

Resumo

Os saberes tradicionais são expressões da cultura e do território e utilizam elementos, presentes na paisagem do Pampa Gaúcho, como lã e couro. O artesanato consiste em um legado histórico-cultural da população local de Caçapava do Sul, contribuindo para a formação de territorialidades e para o desenvolvimento territorial da região. Resgata o saber-fazer em suas origens, expressando a tradição gaúcha, valorizada através do tradicionalismo gaúcho contemporâneo. A atividade agrega diversos benefícios à comunidade, como a sentimentalidade, a valorização cultural e a geração de emprego e renda. Contudo, o processo de globalização e expansão do capital, que se concentra e segrega, ameaçam o modo de vida tradicional, impondo novas dinâmicas à comunidade, tais como a ilusão do mercado e a busca do lucro a qualquer modo, desafiando esse patrimônio sentimental, tradicional e cultural. Assim, o trabalho tem por objetivo entender a dinâmica dos saberes tradicionais no território do Pampa, com base em Caçapava do Sul. Foi metodologicamente desenvolvido a partir de visita de campo e de pesquisa bibliográfica. Como resultado, percebeu-se diferentes funções do artesanato e do uso das tradições na promoção do desenvolvimento territorial em Caçapava do Sul/RS.

Palavras-chave: Identidade; saber tradicional; artesanato; desenvolvimento.

Territoriality and a "liberating praxis" in the dynamic global market: the case of the craft in Caçapava do Sul/RS

Abstract

The traditional knowledges are expressions of culture and territory and use elements present in the landscape of the Pampa Gaucho like wool and leather. The craft consists in historical legacy and cultural heritage of the local population of Caçapava do Sul, contributing to the formation of territoriality and to the territorial development in the region. It rescues the know-how in its origins expressing the gaucho tradition, valued by the Gaucho traditions today. The activity adds several benefits to the community as the sentimentality, cultural appreciation and the generation of employment and income. However, the process of globalization and the expansion of capital, which focuses and secretes, threatens the traditional way of life imposing new dynamics to the community, such as the illusion of the market and the pursuit of profit at any way, challenging this sentimental heritage, traditional and cultural. Thus, the study aims to understand the dynamics of traditional knowledge in the territory of the Pampa, based on Caçapava do Sul, which was methodologically developed from field visit and bibliographical research. As a result, it is possible to include different functions of the craft and the use of traditions in the promotion of territorial development in Caçapava do Sul/RS.

Keywords: Identity, traditional knowledge, handicrafts, development.

Territorialidad y una "praxis liberadora" en el dinámico mercado global: el caso de la artesanía en Caçapava do Sul/RS

Resumen

Los conocimientos tradicionales son expresiones de la cultura y el territorio y el uso de los elementos presentes en el paisaje de la Pampa Gaúcho como lana y cuero. La artesanía consiste en un legado histórico y cultural de la población local de Caçapava do Sul, contribuyendo a la formación de la territorialidad y el desarrollo territorial en la región. Rescata el conocimiento en sus orígenes expresando la tradición gauchesca, valorada por el tradicionalismo gaucho hoy. La actividad agrega varios beneficios a la comunidad como el sentimentalismo, apreciación cultural y la generación de empleo e ingresos. Sin embargo, el proceso de globalización y la ampliación de capital, que se centra y segrega, amenaza la forma de vida tradicional imponiendo nuevas dinámicas a la comunidad, tales como la ilusión del mercado y la búsqueda de ganancias en cualquier forma, desafiando a este patrimonio sentimental, tradicionales y culturales. Por tanto, el estudio pretende comprender la dinámica de los conocimientos tradicionales en el territorio de la Pampa, basado en Caçapava do Sul, que fue metodológicamente desarrollado a partir de visitas de campo e investigación bibliográfica. Como resultado, es posible incluir funciones diferentes de la artesanía y el uso de las tradiciones en la promoción del desarrollo territorial en Caçapava do Sul/RS.

Palabras clave: Identidad; los conocimientos tradicionales; artesanía; desarrollo.

Introdução

Este estudo teve por objetivo discutir a significância dos saberes tradicionais no contexto contemporâneo como legado de construção da identidade social e cultural da sociedade, especialmente o artesanato de lã e couro da região de Caçapava do Sul, RS, atribuindo a esta atividade a capacidade de empoderamento das comunidades tradicionais e de geração de emprego e renda. Através de estudos realizados no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na disciplina intitulada "Tópicos Especiais Saberes Artesanais do Pampa: Identidade Territorial e Mercado Simbólico", que culminou em trabalho de campo na cidade de Caçapava do Sul e na localidade de Vila Progresso, foi possível discutir a valorização realizada por comunidades tradicionais ao saber-fazer do artesanato, em um contexto de globalização neoliberal de agravamento das aculturações estrangeiras e de imposição de modelos econômicos exógenos, integrados ao processo agro-exportador, que ignora a cultura regional e as condições sociais e econômicas das populações.

Metodologia

A partir de estudos e debates de conceitos de referenciais bibliográficos acerca da identidade, território, saberes artesanais, mercado simbólico, artesanato, houve a análise

destes na construção da identidade territorial do Pampa Gaúcho. Foi considerado o contexto histórico e geográfico da identidade e do território, como se deu a construção dos saberes tradicionais das comunidades, ressignificando a tradição e o uso cotidiano dos produtos artesanais. Nesse território, desterritorializado e reterritorializado inseriu-se a questão de gênero e a diferenciação dos saberes nas comunidades; o saber-fazer das mulheres rurais, no processo de reprodução do capital em que se dá a formação e a evolução do mercado simbólico dos produtos gaúchos; a produção artesanal para o uso cotidiano e para o contexto rural; a produção artesanal para o consumidor urbano. Foram consideradas as transformações da identidade dos artesões em função do mercado simbólico dos produtos tradicionais, investigados em trabalho de campo de mestrados e doutorandos em Geografia. Destes, foram destacados, nesse trabalho, alguns fundamentos de análise bibliográfica e trabalho de campo com entrevistas exploratórias com agentes públicos, tais como Emater, Prefeitura Municipal de Caçapava do Sul, Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social (Fgtas), e artesãos urbanos e artesãos tradicionais da Vila Progresso.

O território e as territorialidades de Caçapava do Sul

O município localiza-se na região sul do Estado do Rio Grande do Sul, conhecida como a Campanha Gaúcha, região do domínio morfoclimático de pradarias mistas, donde o município recebe a alcunha de “Portal do Pampa”. A metade sul do território gaúcho, em geral, possui altitudes mais baixas que outras regiões do estado, como o nordeste, mas, de grande complexidade geológica, geomorfológica e fitogeográfica.

Ao sul do planalto que se ergue desde o norte, dos Aparados da Serra a Vacaria, sucede-se a depressão central do Rio Grande do Sul, onde se desenvolveu a larga e fértil planície aluvial do baixo Jacuí. Enquanto essa faixa rebaixada é dominada por uma topografia de coxilhas, constituindo-se num dos setores mais típicos da Campanha Gaúcha, os rios dotados de largas planícies aluviais têm traçados opostos. O baixo Jacuí caminha para o velho estuário do Guaíba e para a Lagoa dos Patos. Por sua vez, o Ibicuí segue para oeste, chegando ao médio Uruguai, na fronteira com a Argentina. Ao sul do vale do Ibicuí, em pleno sudoeste gaúcho, estende-se o bloco mais rebaixado dos planaltos arenítico-basálticos da região. O vale do rio Santa Maria, afluente do rio Ibicuí, permanece embutido nas baixas coxilhas onduladas que flanqueiam a Serra do Caverá, escarpa de cuevas baixa, que limita o platô basáltico e, em grande parte, arenítico, da Campanha do Sudoeste (AB´SABER, 2003).

O município de Caçapava do Sul possui extensas jazidas de minérios de cobre, cal e caulim. Em sua configuração topográfica observam-se campos e serras imponentes, com terras escuras e solo silicioso, havendo a criação de gado e a agricultura, que constituem a

base da economia, juntamente com a indústria e mineração de calcário, responsável pela produção de mais de 85% do minério do Estado do Rio Grande do Sul. A gastronomia é rica, à base de carnes bovina e ovina, com influência portuguesa, espanhola, africana e indígena (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAÇAPAVA DO SUL, 2017).

A localização da cidade é um dos fatores importantes para o desenvolvimento, possuindo as seguintes ligações: pela BR 392, ligando a Região das Missões, importante produtor de grãos, ao porto de Rio Grande; pela BR 290, fazendo a ligação norte/sul, de Uruguaiana a Porto Alegre; pela BR 153, fazendo a ligação leste/oeste, ligando a BR 290 à cidade de Bagé. Caçapava do Sul é privilegiada com uma entrada via Uruguai e outra via Argentina, o que torna a cidade importante rota nos caminhos do Mercosul.

A localidade, historicamente, tem uma forte relação com a criação de gado e ovelha, questões favorecidas pelas características geográficas e agroecológicas; com o tempo surgiram trabalhos artesanais na região com o couro do gado e com a lã ovina. O couro era utilizado para confecção de acessórios domésticos (móveis) e para montaria (corda, arreios, dentre outros) e a lã retirada da ovelha utilizada para confeccionar roupas e acessórios domésticos, através do trabalho manual das mulheres com a utilização dos teares, da roca e do fuso (VARGAS, 2016, p. 26).

O uso do território provocou inúmeras territorialidades e desterritorializações ao longo do tempo, desde a ocupação indígena, passando por incursões e influências espanholas e jesuíticas, posteriormente, uruguaias e argentinas, para então ser reclamada e fortificada pela Coroa portuguesa nos séculos XVIII e XIX.

Ao longo das perspectivas distendidas do domínio das coxilhas, dotadas de pradarias mistas, existem pequenos retiros de estâncias envolvidas por cercas vivas e arvoredo baixo, além de minúsculos bosques de eucalipto que servem como defesa contra o frio e o forte vento minuano. Diante da pergunta sobre qual seria a função desses minúsculos bosques, um peão da Campanha respondeu rapidamente: “Vizinho, n’um sabe: aquelas árvores servem para defender o gado do frio, do vento ou do muito sol e calor do verão”. Fiquei pensando que muita gente no mundo tem menos proteção do que o gado da terra gaúcha (AB´SABER, 2003, p. 108).

A gênese da formação cultural, social e econômica do Rio Grande do Sul confunde-se com a região da campanha. Alguns de seus aspectos são analisados a seguir.

A dinâmica social e econômica de Caçapava do Sul

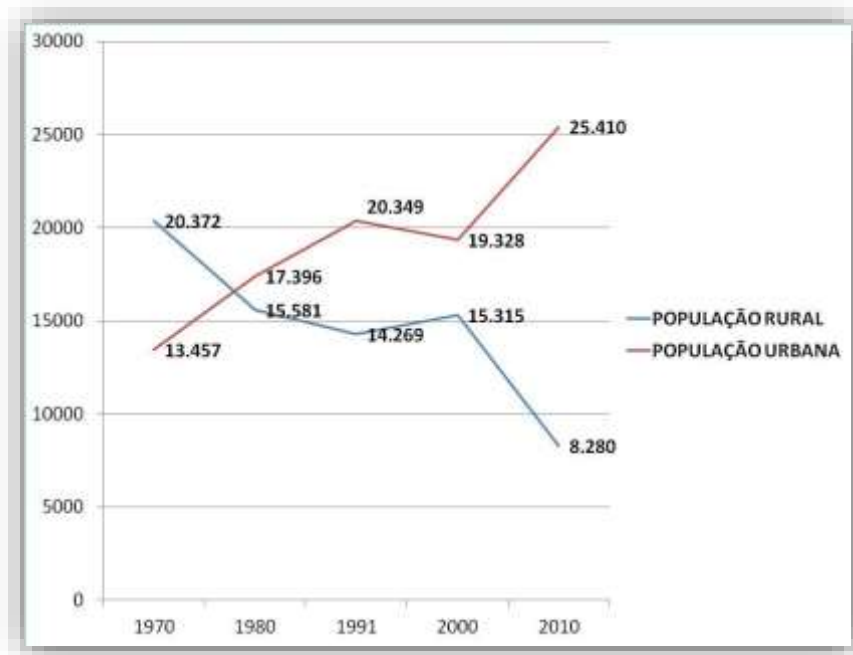
Caçapava do Sul experimenta um processo social e econômico bastante comum a municípios de sua região, como Cachoeira do Sul, Lavras do Sul, Santana da Boa Vista, dentre outros. Com a Revolução Verde, efetivada tardiamente no Brasil, mas, pioneiramente, no Rio Grande do Sul, nas décadas de 1970-1980-1990, de intensa mecanização da

agricultura e introdução de novas culturas, especialmente a soja e a silvicultura, o território rural e suas territorialidades transformaram-se, com a evasão em larga escala das famílias, repelidas por um processo mecânico e ainda mais concentrador de terras, acentuando o capitalismo monopolista rural do agronegócio. Com isso, o Brasil, que apresentava até a década de 1940 cerca de 60% de sua população na zona rural, assistiu a uma migração massiva para as cidades, especialmente as industriais, inclusive interestaduais. Tal fato foi denominado por Haesbaert (1998), no Rio Grande do Sul, como a “diáspora gaúcha”. Assim, diversos municípios gaúchos que mantiveram suas matrizes produtivas originais baseadas no setor primário tiveram um declínio populacional ou sua inércia, ao passo que outras regiões atraíram migrantes nos territórios urbanos com empregos derivados da industrialização. Caçapava do Sul insere-se nesse contexto, tal como é possível observar nos censos do IBGE de 1970 a 2010 (Figuras 1 e 2).

Figura 1: Gráfico da evolução da população de Caçapava do Sul 1970-2010.



Fonte: IBGE (2017)

Figura 2: Evolução da população urbana e rural de Caçapava do Sul 1970-2010

Fonte IBGE (2017)

Percebe-se que houve um declínio populacional nas primeiras décadas, suavizado posteriormente, mas, recorrente a seguir. Ao comparar com outros municípios do Estado e do Brasil, é possível notar um evidente declínio nos dados de crescimento populacional. Quando analisado o território rural é possível compreender com maior exatidão o processo destacado, pois, em 1970, a população rural de Caçapava do Sul representava mais de 60% do total ao passo que, em 2010, representa pouco mais de 24%:

A dinâmica territorial e sua desterritorialização provocou novas territorialidades em Caçapava do Sul. Estas multidões que migram às cidades buscam novas possibilidades de emprego e renda, além de formação educacional e profissional, que muitas cidades não disponibilizam a todos seus habitantes por inúmeras razões, o que as leva a migrar para outras regiões. Esse processo é ilustrado na canção “Herdeiro da pampa pobre” dos compositores gaúchos Vaine Darde e Gaúcho Da Fronteira, que problematizaram essa contradição.

Mas que pampa é essa que eu recebo agora
Com a missão de cultivar raízes
Se dessa pampa que me fala a história
Não me deixaram nem sequer matizes?

Passam às mãos da minha geração
Heranças feitas de fortunas rotas
Campos desertos que não geram pão
Onde a ganância anda de rédeas soltas (Vaine Darde; Gaúcho da Fronteira)

Esse fenômeno pode ser percebido em Caçapava do Sul. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017) em 2015 o salário médio mensal do município era de 2,3 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 18,9%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 164 de 497 (salário médio mensal) e 230 de 497 (pessoas ocupadas), respectivamente. Já na comparação com cidades do país todo, ficava na posição 934 de 5.570 e 1.510 de 5.570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 34,5% da população nessas condições, o que o colocava na posição 146 de 497 dentre os municípios do estado e na posição 3.675 de 5.570 dentre as cidades do Brasil. Em 2014, tinha um Produto Interno Bruto (PIB) per capita de R\$ 19.191,46. Na comparação com os demais municípios do estado, sua posição era de 366 de 497.

Em 2015, Caçapava do Sul tinha 75,6% do seu orçamento proveniente de fontes externas. Em comparação às outras cidades do estado, estava na posição 345 de 497 e, quando comparada a cidades do Brasil todo, ficava em 4.186 de 5.570. Ou seja, o município é altamente dependente de fontes externas, estadual e federal, pela ausência de geração local de renda. Ao mesmo tempo, houve uma grande concentração fundiária baseada no agronegócio mecânico que repeliu o homem do campo.

No agronegócio prevalecem os interesses exógenos aos nacionais. Todo o processo produtivo – desde as sementes, fertilizantes, pesticidas, estocagem e mercado – está vinculado aos ditames do capital estrangeiro, com apoio do Estado neoliberal para escoar a produção, diminuindo despesas e maximizando lucros. A corrida por terras agrícolas levou investidores estrangeiros a adquirir pelo menos 83 milhões de hectares em países em desenvolvimento entre 2000 e 2010, segundo o Deutsche Bank, sendo o Brasil o preferido na espoliação (ASSIS MOREIRA, 2012).

Essa apropriação massiva de terras pelo capital foi acompanhada de sua exploração para fins de produção (commodities) para agroexportação, de tal maneira que apenas quatro grupos de produtos agropecuários e florestais responderam, em 2010, por 75% das exportações brasileiras de produtos de origem rural: soja e derivados, 22 %; carne e couros, 25%; madeira, celulose e papel, 17%; açúcar e álcool, 11%. É evidente a oligopolização da oferta e comercialização de produtos agropecuários por apenas 10 grandes empresas transnacionais (Bunge Alimentos, Cargill, Souza Cruz, Sadia [antes da fusão com a Perdigão], Brasil Foods [Fusão Sadia com Perdigão], Unilever, Copersucar, JBS, Nestlé e ADM). Esse grupo de empresas transnacionais alcançou 59,9 % do Valor Bruto da Produção – VBP agropecuária do país na safra 2009/2010.⁷ Essa concentração econômica sugere que tanto a ocupação da terra como os produtos a serem plantados estão sendo determinados pelos interesses oligopolistas dessas empresas (CARVALHO, 2013, p.37).

As facilidades produtivas de um Estado a serviço destas corporações e alguns latifundiários têm provocado processos diferenciados de exploração, mas, com as mesmas intencionalidades finais. Na região da campanha gaúcha há a expansão acelerada da silvicultura (eucaliptos e pinus) e da soja. O setor da silvicultura atua na lógica da territorialização do monopólio. Quer dizer, atua no sentido de produzir em terra própria senão a totalidade, pelos menos a maior parte da matéria-prima que necessita. Diferente é o que ocorre nos demais setores do campo, como por exemplo, o setor de grãos, onde os grandes monopólios, tais como ADM, Cargill, Bunge, LDC, não produzem os grãos que monopolizam em terras próprias, por certo eles nem as tem. Ao contrário, dos setores da silvicultura e sucoenergético, no setor de grãos ocorre o processo de monopolização do território, pois nele há uma aliança de classe entre a burguesia mundial e a burguesia agrária brasileira que pode ou não ser também, proprietária de terras (OLIVEIRA, 2010).

Essa expropriação em nada interessa à população local, tão somente a oligarcas e corporações estrangeiras, pois não emprega, não gera renda, repele as famílias do campo, perde-se a biodiversidade da região e todos os elementos que dela derivam, inclusive os saberes tradicionais e a disponibilidade da matéria-prima local, como a produção artesanal em lã e couro. A pecuária tradicional ambientada historicamente cede território à soja e à silvicultura, ambas degradantes e exógenas, meramente especulativas.

O aumento contínuo da produção de soja também não se dá em favor da redução da fome no mundo. Ocupando o lugar da agricultura familiar diversificada, a maior parte da soja produzida é destinada à conversão de proteína vegetal em animal, com o objetivo de suprir o mercado consumidor de carnes. Abastece, assim, um mercado de consumidores privilegiados, estimulando-os a adotar padrões de consumo pouco saudáveis e insustentáveis, à medida que não podem ser estendidos ao conjunto da população mundial (SCHLESINGER, 2006, p. 70).

Nesse contexto, alternativas são pensadas por diversos agentes públicos locais, estaduais e federais, obviamente aqueles não engajados no modelo anteriormente descrito, no sentido de ofertar políticas públicas que possibilitem a manutenção das famílias no campo, bem como a geração de emprego e renda nas cidades. Nesse cenário, se destaca o artesanato como uma delas.

O artesanato como práxis emancipadora

O artesanato consiste numa atividade cultural que pode contribuir significativamente na construção material de famílias e até mesmo tributária dos municípios. Segundo o Manual do Programa Gaúcho do Artesanato (2017), pode-se definir o segmento como:

É o objeto ou conjunto de objetos utilitários e decorativos, para o cotidiano do homem, produzidos de maneira independente, usando matéria-prima em seu estado natural e/ou processados industrialmente, mas cuja destreza manual seja imprescindível e fundamental para imprimir ao objeto características próprias, que reflitam a personalidade e a técnica do artesão (MANUAL DO PROGRAMA GAÚCHO DO ARTESANATO, 2017).

O artesão pode ser assim conceituado pelo referido manual:

É o profissional que detém o conhecimento do processo produtivo, sendo capaz de transformar a matéria-prima, criando ou produzindo obras que tenham uma dimensão cultural, exercendo atividade predominantemente manual, principalmente na fase de formação do produto, podendo contar com o auxílio de equipamentos, desde que não sejam automáticos ou duplicadores de peças (MANUAL DO PROGRAMA GAÚCHO DO ARTESANATO, 2017).

Os objetos artesanalmente confeccionados traduzem comportamentos, expressam mensagens, transmitem informações, possuem sentidos e têm significados para o contexto do artesão que o produz (VARGAS, 2016). As características do produto confeccionado à mão estão de acordo com a criatividade, o saber do artífice e a matéria-prima utilizada, a qual, na maioria das vezes, é encontrada na região onde o mesmo vive (LIMA, 2005). O enaltecimento do artesanato oportuniza outra perspectiva diante da expansão do mercado capitalista, a sua reorganização monopolista e transnacional tende a integrar todos os países, todas as regiões de cada país num sistema homogêneo, que padroniza e uniformiza. Porém, ao mesmo tempo em que padroniza, o capitalismo tenta a busca pela inovação ou recriação, como se depreende da citação a seguir.

O capitalismo engendra os seus próprios mecanismos para a produção social da diferença, mas também utiliza elementos alheios. As peças de artesanato podem colaborar nesta revitalização do consumo, já que introduzem na produção em série industrial e urbana — com um custo baixíssimo — desenhos originais, uma certa variedade e imperfeição, que por sua vez permitem que se possa diferenciá-las individualmente e estabelecer relações simbólicas com modos de vida mais simples, com uma natureza nostálgica ou com os índios artesãos que representam esta proximidade perdida (CANCLINI, 1973, p.65).

Nesse contexto de busca de identidade, de raízes perdidas, de nebulosa padronização imposta pelo capitalismo monopolista, o artesanato pode ensejar uma nova perspectiva social e econômica, emancipadora de comunidades inteiras, traçando novos paradigmas a elas. Pois que o artesanato é uma práxis libertadora, reintegradora do homem, reconduzora de suas totais potencialidades, merece empenhos, esforços, em sua defesa, valorização e reconhecimento (VIVES, 1983).

O artesanato reúne algumas importantes virtudes: Social – possibilita ao artesão melhores condições de vida e atua contra o desemprego; Artístico – desperta as aptidões latentes do obreiro e aprimora-lhe o intelecto. Suas mãos, obedientes a impulsos mentais e inteligentes, deslocam a matéria-bruta, grosseira e passiva, e convertem-na com o calor de sua imaginação em coisa útil e, por vezes, bela; Pedagógico – trabalhos manuais são de grande valor para a criança em idade escolar, principalmente, os de carpintaria, modelagem e papel recortado; Moral – pode dar causa ao aperfeiçoamento espiritual e moral do artesão, sendo certo que o trabalho afasta a pessoa dos vícios e da delinquência; Terapêutico – abrandando o temperamento hostil ou agitado de pessoas que sofrem desvios de personalidade, as quais poderão corrigir suas aberrações através da ocupação manual; Cultural – o artesão imprime traços de sua cultura nos objetos que produz, consciente ou inconscientemente; Psicológico – o artesão se sente valorizado com sua arte porque faz objetos que têm serventia e isto lhe dá a certeza íntima de ser útil à comunidade (MARTINS, 1973).

Todas essas virtudes são libertadoras. Pode-se, ainda, sublinhar a liberdade das emoções, da alegria de quem produz o artesanato, sua realização pessoal em cada obra cuidada e carinhosamente produzida, satisfação com sua dedicação, sua capacidade pessoal, resgatando sua ancestralidade afetuosamente, afirmando o pertencimento sentimentalmente.

O artesanato, a estética e a arte

O belo é algo buscado pela humanidade ao longo da história, desde a Antiguidade grega. O saber fazer artesanal inspira-se no belo contido numa identidade cultural. O belo é fruto de um consenso, o que não significa gosto individual e sim um acordo que exige, das pessoas, destreza, perspicácia, imaginação, criatividade, gosto refinado e apurado para reconhecer e expressar a força e a elegância do belo (BAUMGARTEN, 1993). Toda a obra de arte é um reflexo da consciência social. O belo não é uma realidade absoluta e intocável pelo humano: o belo é o resultado do trabalho humano realizado em comunidade HEGEL (1999). Assim, a estética também buscada pelo artesanato para alcançar seu público consumidor é, isto sim, uma construção social, o que agrega mais interesse em seu produto, pois está mais profundamente envolto no seio desta comunidade, contribuindo para sua identidade.

O saber tradicional e a globalização

O artesanato, como visto, busca expressar esteticamente o belo. Tal como outros segmentos artísticos é concebido socialmente. Certa especialidade possui ainda um traço

mais significante: o saber tradicional. Usar o termo tradicional para designar uma peça criada com o saber-fazer manual, adquirido através do conhecimento das gerações passadas, remete a duas interpretações distintas: a) o sentido de autenticidade e pureza; ou b) de atraso. Interpretar o fazer do artesão como atrasado e, como tal, precisa ser modificado e incorporado ao modelo industrial, acabaria com a reprodução material da tradição, ou seja, das práticas sociais e culturais herdadas pelo artesão. Mas, é justamente o fato de ter significações sociais, culturais e simbólicas que, por vezes, somente a comunidade possui, que dará o sentido de autenticidade no fazer do artesão (ALVIM, 1983).

O saber tradicional remete ao processo de valorização da cultura popular, tão vilipendiada com a globalização e a indústria cultural, especialmente estrangeira. A globalização se apresenta como um objeto fugidio e não trabalhável. Por meio de estruturas institucionais e mercados de bens materiais e símbolos difíceis de identificar, a globalização acentua a dependência econômica e cultural em relação aos centros globalizadores. O resultado desse processo é a crescente “americanização” da cultura na América Latina (CANCLINI, 2003).

De acordo com Santos (2009, p.143):

Um esquema grosseiro, a partir de uma classificação arbitrária, mostraria, em toda parte, a presença e a influência de uma cultura de massas buscando homogeneizar e impor-se sobre a cultura popular; mas também, e paralelamente, as reações desta cultura popular. Um primeiro movimento é resultado do empenho vertical unificador, homogeneizador, conduzido por um mercado cego, indiferente às heranças e às realidades atuais dos lugares e das sociedades.

Os idealizadores do Movimento Tradicionalista Gaúcho demonstram grande preocupação acerca desta invasão cultural.

Quando a cultura de determinado povo é invadida por novos hábitos e novas ideias, duas coisas podem ocorrer: se o patrimônio tradicional dessa cultura é coerente e forte, a sociedade só tem a lucrar com o referido contato, pois sabe analisar, escolher e integrar em seio aqueles traços culturais novos que, dentre muitos, realmente sejam benéficos à coletividade; se, porém, a cultura invadida não é predominante e forte, a confusão social é inevitável: ideias e hábitos incoerentes sufocam o núcleo cultural, desnordeando os indivíduos, e fazendo-os titubear entre as crenças e valores mais antagônicos (LESSA, 2017).

O uso intenso da força midiática é a grande arma usada pelos países hegemônistas.

Ao se organizarem para produzir mercadorias cada vez mais padronizadas, sob forma de telenovelas, filmes da nova geração hollywoodiana, vídeos, discos e fitas musicais, e para distribuí-los em escala planetária, explorando as novas tecnologias de telecomunicações por satélite e por cabo, essas indústrias (de mídia) tiveram, ao mesmo tempo, um papel importante em

reforçar o nivelamento da cultura e, com isso, a homogeneização da demanda a ser atendida a nível mundial. O condicionamento subjetivo dos habitantes do planeta pela “persuasão” da mídia, bem como o papel especial desempenhado pelos EUA na dominação do imaginário individual e coletivo, leva A. Valladão (1993) a dizer que “o século XXI será americano (CHESNAIS, 1996, p. 40).

O agente fundamental de equilíbrio da voracidade das corporações estrangeiras é o Estado. Ao zelar pelo mercado interno de produtos como sapatos, matérias-primas, manufaturas, no que se refere ao imaginário nacional, à promoção da cultura, este cuidado deveria ser redobrado, pois o valor destas primeiras mercadorias se atém meramente ao valor físico destas, enquanto que a cultura e a arte perpetuam-se. O Estado brasileiro tem limitado sua ação a um modesto apoio assistencialista, colonizado e envergonhado, à produção cultural de elite ou de pequeno impacto social através de isenções fiscais, sem se preocupar em promover e garantir a livre competição nos mercados culturais de massa, onde se forma o imaginário social, essência da própria existência da nação brasileira e da possibilidade desta se organizar para enfrentar seus extraordinários desafios e realizar seu potencial (GUIMARÃES, 2008).

O saber tradicional gaúcho e o tradicionalismo gaúcho

O território é entendido como um lugar de relações sociais, conexões e redes. De vida, para além da produção econômica, como natureza, apropriação, mudanças, mobilidade, identidade e patrimônio cultural, como produto socioespacial e condição para habitar, viver e produzir (SAQUET, 2007). A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence (SANTOS, 2007).

Nesse sentido, analisa-se o gentio gaúcho, habitante dos pampas, das serras, das planícies litorâneas, índio, europeu, negro, miscigenado. Para a formação dessa identidade deve-se levar em consideração o isolamento geográfico do Rio Grande do Sul, sua integração tardia ao resto do país. O gaúcho é, socialmente, um produto do pampa, como politicamente é um produto da guerra, visto como ser rude, o que foi contemporaneamente incorporado à identidade regional (OLIVEN, 1983).

Se, de uma parte, as elites tentaram forjar um gaúcho europeizado, branco, heroico, patriarcal, a cultura popular gaúcha baseia-se em outros paradigmas, de um herdeiro das lidas campeiras, do índio, do povo rude num ambiente rude, do negro das charqueadas, das disputas fronteiriças, agregando o imigrante, todos miscigenados.

Afinal de contas, o que é um gaúcho? Um sujeito branquíssimo e louro chamado Schultz? Aquele senhor corpulento e corado, que atende ao nome de Carotenuto? Ou será aquele outro de apelido luso e cara indiática como o autor deste artigo? Porque o Rio Grande do Sul é talvez o mais sortido

cadinho racial do Brasil. Neste verde “caldeirão” onde em remotas eras vagueavam várias tribos de índios, os primeiros povoadores puseram a ferver a rústica e honrada açorda açoriana, à qual se acrescentaram elementos vindos de outros pontos do Brasil. A sopa foi temperada com ervas indígenas e africanas; mais tarde lançaram-se nela um pouco de repolho germânico e condimentos como a manjerona italiana e outras especiarias vindas não só da Europa como até mesmo do Oriente próximo e remoto. Qual vai ser o aspecto e o “gosto” dessa mirabolante mistura? Isso será coisa apenas para os olhos e o paladar do futuro (VERÍSSIMO, 1964, p. 243).

Contudo, esta construção ideológica do gaúcho é bastante controversa e oculta muitos elementos elitistas, particularistas, que resistem à complexidade e historicidade de uma cultura que emana da construção popular, que exalta a miscigenação. Quanto aos que negam a existência da miscigenação, a performance mais surpreendente é a de Moyses Vellinho. Impregnado de uma visão inegavelmente racista e brandindo furiosamente seu estilo pedante e insuportável em defesa da pureza étnica dos “fronteiros”, ele é taxativo: “não houve miscigenação. E se alguma mistura ocorreu, ela não é mais do que “desprezível” (DACANAL, 1996).

De outra parte, como resistência cultural à globalização, ascende no estado no século XX o Movimento Tradicionalista Gaúcho, que busca resgatar os elementos formadores da identidade gaúcha tradicional, sistematizando diversas questões culturais e artísticas. Uma das teses que fundamenta o movimento social reúne sérias críticas à aculturação imposta pelo capitalismo monopolista e suas metrópoles, especialmente os EUA:

A globalização é o triunfo da lei da oferta e da procura. Seus dogmas são a desregulamentação, a liberdade total para o comércio e para o fluxo de capitais, a privatização das empresas estatais. Com a queda do Império Soviético desapareceu a ditadura do proletariado, mas boa parte da humanidade sujeita-se à ditadura do mercado internacional. Este ameaça o Estado e a própria estabilidade democrática. Os governos deixam de lado questões cruciais de seus povos para atender aos interesses da economia transnacional, em detrimento de sua legitimidade e do próprio Estado democrático. Se contém inúmeros progressos, a globalização se dá indubitavelmente numa onda de dificuldades para a civilização. De um lado ela apresenta novidades fascinantes, de outro cria circunstâncias selvagens, iconoclastas. [...] No plano cultural, a globalização tenta se sobrepor às raízes dos povos. Na Amazônia, no interior do Rio Grande, no Rio de Janeiro, na Rússia, na Índia ou na China e até nos países islamistas, o contato com mensagens provenientes de milhões de telas de televisão e computadores provocam os mesmos gostos, os mesmos desejos, insinuam os mesmos valores, sugerem a mesma fantasia de vida. Em toda a parte a juventude organiza suas preferências pressionada para padrões homogêneos. Tenta-se colonizar o mundo culturalmente à moda Disney, que é extremamente singela e por isso mesmo difundida com sucesso. Ela explora a concorrência entre o difícil e o fácil, o lento e o rápido, o complexo e o simples. As sociedades com vitalidade cultural caracterizam-se pelo lado difícil, lento e complexo da vida. Os momentos de indiferença, esgotamento e indolência das culturas são marcados pelo aspecto fácil, rápido e simples de todas as coisas (LIMA, 1997).

Com o movimento social, os saberes tradicionais, além de retratarem a identidade histórica e sentimental do gaúcho com seu território, tem crescido sua organização através dos Centros de Tradições Gaúchas, espalhados pelo estado, pelo país e pelo mundo, num processo que se pode vincular com a diáspora gaúcha. Nesses espaços, os saberes tradicionais são ressignificados em um mercado simbólico e, desse processo, surgem festivais de música, de dança, feiras, num grande arcabouço cultural, numa realidade agora urbana, visto o êxodo rural de multidões nas últimas décadas. Nas cidades, buscam cultuar suas origens ou de seus ancestrais, suas tradições, ainda que com elementos difusos, distorcidos e outros ignorados, tal como a ocultação da Batalha de Porongos, que massacrou os heroicos e abolicionistas lanceiros negros. Contudo, há que assinalar que, dialeticamente, o tradicionalismo gaúcho tem como marca elementar a resistência cultural ao massacre colonizador de corações e mentes impetrado pela indústria cultural estrangeira.

Os castelhanismos que por ventura existam no nosso linguajar justificam-se pela proximidade da Argentina e do Uruguai. Não há no mundo, que eu saiba, fronteira estanque. E se vamos continuar o capítulo dos estrangeirismos, chamarei a sua atenção para o uso de termos como hey, hi, ciao, bye-bye e outros que se insinuaram na língua corrente brasileira nestes últimos vinte anos e que na minha opinião têm muito menos “legitimidade” que os nossos castelhanismos (VERÍSSIMO, 1964, p. 243).

E o escritor gaúcho não assistiu à era dos *downloads*, *fast-foods*, *popstar*...

Trabalho de campo: o artesanato em Caçapava do Sul

No município de Caçapava do Sul há cerca de duzentos artesãos cadastrados, dentre urbanos a rurais. Há dois espaços disponibilizados para exposições e lojistas no centro da cidade, junto à agência da Fgtas e na Feira Municipal de Artesanato (Femapro), localizada no centro da cidade. Segundo veiculado no portal da Prefeitura Municipal, a feira tem 19 anos, é fixa e mantém 28 estandes com diversos produtores, com predomínio do artesanato local e a diversidade de produtos caseiros. Na Femapro ainda são oferecidos prestação de serviços (costureira e cabeleireira) (Figuras 3 e 4).

Figura 3: Imagens da Loja da FGTAS no centro de Caçapava do Sul



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Figura 4: Imagens da FEMAPRO no centro de Caçapava do Sul



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Vila Progresso: um território de múltiplas territorialidades

A Vila Progresso, localidade distante a 25 km da sede municipal, é uma pequena aglomeração urbana às margens da BR-290, em Caçapava do Sul. A comunidade conta com 68 famílias, constituídas por pequenos proprietários que possuem terrenos de aproximadamente 1,5 hectares. Algumas destas famílias possuem outras áreas em localidades próximas, onde cultivam produtos e criam animais para o consumo; existem casos, em menor número, de famílias que possuem áreas arrendadas destinadas à produção de soja, arroz ou criação de gado. Possui posto de saúde, agente comunitário de saúde, luz elétrica, água encanada com poços artesianos, coleta de lixo, escola, igrejas, salão de festas, supermercado, agropecuária, loja de material de construção (VARGAS, 2016). A economia local apoia-se fundamentalmente na mão de obra familiar, no artesanato de lã, nas lojas à beira da estrada, nas recentes pousadas, na agricultura familiar, safristas e em outros empreendimentos como a indústria de azeite de oliva e a silvicultura.

O artesanato em lã da Vila Progresso como práxis de saberes tradicionais gaúchos

A base artesanal na qual se organizou a dinâmica territorial da Vila Progresso é o artesanato em lã. A origem está intrinsecamente relacionada ao clima da região e da ocupação territorial e suas territorialidades derivadas. Historicamente o gaúcho pobre – índio, bandeirante desertor, castelhano, militar português – tinha a necessidade de agasalhar-se do clima frio da região e utilizou os recursos disponíveis para tal, como a lã de ovelha, o couro bovino, empregando técnicas rudimentares como o fuso, a roca e o tear manual.

O artesanato em lã desenvolveu-se na Vila Progresso há cerca de três décadas. Atualmente são 16 famílias de artesãos na comunidade, gerando em torno de quarenta empregos diretos e indiretos, entre homens, mulheres, jovens, adultos e idosos. O trabalho artesanal tem picos de produção e comercialização na época de outono-inverno, já no período de primavera-verão a comercialização diminui, mas, a criação das peças não cessa. Vários artesãos tecem peças em lã, atendendo a pedidos de encomendas realizadas por clientes de várias cidades do estado, de outros estados e até de outros países. Tal fato demonstra o crescimento do mercado dos produtos artesanais em lã e demais produtos artesanais em couro e madeira, comercializados nas tendas abertas ao público na comunidade. Os produtos em lã são os palas, ponchos, meias, cobertores, que remontam ao resgate do fazer histórico decorrente de um modo de vida rústico (VARGAS, 2016) (Figura 5).

Figura 5: Tear de confecção de palas, cobertores, tapetes



Fonte: Acervo pessoal do autor.

O comércio de lojistas tem crescido, significativamente, nos últimos anos e agregado outros produtos não tradicionais, o que gera controvérsia entre os moradores sobre a significação da atividade da comunidade, quando se notam evidentes traços de industrialização e pulverização comercial, tal como se percebe na Figura 6.

Figura 6: Diversidade de produtos ofertados em alguns estabelecimentos



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Em outros estabelecimentos é possível notar, ainda, a manutenção do espírito de preservação da primazia do artesanato tradicional, incorporando outros produtos, mas, dentro de uma perspectiva de um mercado simbólico. O mercado é um local onde se compra, vende e/ou troca-se produtos. Os artigos comercializados tornam-se simbólicos nesses espaços quando possuem um sentido cultural, histórico ou social. Ou seja, são produtos com vínculos indissociáveis entre o objeto material e o seu significado subjetivo (VARGAS, 2016).

Figura 7: Estabelecimentos tradicionais em sua diversidade de produtos



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Observou-se, na Vila Progresso, a necessidade da comunidade de se vincular ao mercado, sua dinâmica e instrumentos como as novas tecnologias, como, máquinas de cartões de crédito para facilitação de pagamentos a prazo, câmeras de segurança, ar condicionado, numa busca em aprimorar o atendimento aos turistas que circulam na rodovia.

Notou-se, ainda, a presença de uma grande diversidade de produtos derivados da agricultura familiar como mel, premiado na Expointer 2017, soja orgânica, licores, queijos, salames (Figura 8).

Figura 8: Produtos da agricultura familiar local e regional



Fonte: acervo pessoal do autor

Na comunidade é possível destacar, ainda, outras três significativas atividades econômicas que se inserem na dinâmica global: a exploração do turismo, com a organização e construção de pousadas populares e simples para viajantes, especialmente argentinos; a produção de oliveiras, para a produção de azeite e azeitonas; a silvicultura de eucaliptos. As três derivam das possibilidades econômicas que escapam ao saber-fazer local, estão inseridas num contexto global, visando a exportação ou atraindo turistas estrangeiros. Tais possibilidades têm impactado bastante a comunidade local. As três atividades geram emprego e renda, potencializam as possibilidades dos artesãos, mas, também podem gerar impactos como a perda de atenção à atividade original do artesanato que pode perder-se nesse contexto e a degradação dos solos (silvicultura) (Figura 9). Assim, a valorização do saber-fazer tradicional dos artesãos deve ser resguardada pelo poder público e pela sociedade, frente ao processo globalizatório e suas imposições.

Figura 9: Outras atividades econômicas desenvolvidas na V. Progresso – silvicultura, turismo e indústria de azeite



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Considerações finais

O estudo desta comunidade a partir dos pressupostos estabelecidos, onde se considerou identidade, território e territorialidades, saberes tradicionais, tradicionalismo, artesanato e mercado simbólico, bem como o trabalho de campo realizado oportunamente com a presença de agentes públicos, (Prefeitura Municipal, Fgts, Emater), associação de moradores, moradores tradicionais e novos moradores, possibilitou a compreensão mais aprofundada de uma importante atividade cultural, social e econômica: o artesanato tradicional. Este conhecimento proporcionou duas definições importantes: a necessária valorização deste saber-fazer tradicional, que contribui para a formação da identidade e pertencimento gaúchos; e, a potencialidade social e econômica libertadora deste saber-fazer tradicional, que resgata a cultura, promove a socialização, agrega renda, gera empregos, acalma e alegra a alma.

No artesanato urbano há uma importante função social da atividade: a emancipação psicossocial dos artesãos; o artesanato não é fundamentalmente de provimento econômico, mas, de lazer, um expandir das emoções e sem grandes preocupações com o mercado pois, segundo a associação municipal caçapavana, cerca de 80% dos rendimentos dos artesãos é proveniente de outras fontes, sendo esta, por enquanto, um complemento de renda. Já no espaço rural, há uma dinâmica diferenciada de uso dos saberes com a forte representação das tradições gaúchas, com o uso de estratégias que visam colocar num mesmo espaço produtos tradicionais e contemporâneos, aproveitando o mercado simbólico fortalecido pelo tradicionalismo gaúcho. Há, portanto, uma relação entre tradição, mercado, território e identidade através dos produtos culturais e simbólicos, de resgate cultural, significação e ressignificação, que os processos exógenos da globalização e da apropriação do território, por práticas econômicas estranhas, vêm desterritorializando a seu bel prazer, repelindo o ser humano e, por extensão, afetando sua estima, sua cultura e sua história. Valorizar esses saberes tradicionais é importante para a manutenção da identidade, do pertencimento, de um futuro com significados para as novas gerações.

Referências

- AB´SABER, Aziz N. **Os domínios de natureza no Brasil**. São Paulo: Ateliê, 2003.
- BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb. **Estética: a lógica da arte e do poema**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- CANCLINI, N. G. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CARVALHO, Horácio M. A expansão do capitalismo no campo e a desnacionalização do agrário no Brasil. **Boletim DATALUTA** – Artigo do mês: dez. 2013.
- CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

DACANAL, José H.; GONZAGA, Sergius. (Orgs). **RS: cultura e ideologia**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

FGTAS. **Manual do Artesão**. Disponível em: www.fgtas.rs.gov.br/programa-gaucho-do-artisanato. Acesso em: 12 out. 2017.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2007.

HAESBAERT. Rogério. **Territórios Alternativos**. Contexto Acadêmico, São Paulo, 2002.

_____. A noção de rede regional: reflexões a partir da migração “gaúcha” no Brasil. **Revista Território**. Disponível em: http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/04_5_haesbaert.pdf. Acesso em: 12 out. 2017.

GUIMARÃES, Samuel P. **Vulnerabilidade ideológica e hegemonia cultural**. São Paulo: Hora do Povo, 2008.

HEGEL, G.W.F. Estética. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

_____. Prefácio: **Fenomenologia do Espírito**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

IBGE. **Cidades: Caçapava do Sul**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/cacapava-do-sul/panorama>. Acesso em: 12 out. 2017.

LESSA, Barbosa. **O sentido e o valor do tradicionalismo**. Porto Alegre: Teses do MTG. Disponível em: www.mtg.org.br. Acesso em: 12 out. 2017.

LIMA, Jarbas. **O sentido e o alcance do tradicionalismo**. Porto Alegre: Teses MTG. Disponível em: www.mtg.org.br. Acesso em: 12 out. 2017.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. A questão da aquisição de terras por estrangeiros no Brasil: um retorno aos dossiês. **Agrária**, São Paulo, v. 12, p. 3-113, 2010.

OLIVEN, R.G. O Rio Grande do Sul e o Brasil: uma relação controvertida. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 3, n. 9, p. 5-14, 1989.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAÇAPAVA DO SUL. **O município**. Disponível em: www.cacapava.rs.gov.br. Acesso em: 12 out. 2017.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SAQUET, M. **Abordagens e concepções sobre território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SCHLESINGER, S. **O grão que cresceu demais: a soja e seus impactos sobre a sociedade e o meio ambiente**. Rio de Janeiro: Fase, 2006.

VARGAS, Daiane L. **Tecendo tradição: artesanato e mercado simbólico de uma comunidade rural do pampa gaúcho**. Santa Maria: UFSM, 2016.

VERÍSSIMO, Érico. **Rio Grande do Sul: terra e povo**. Porto Alegre: Globo, 1964.

VIVES, V. de. A beleza do cotidiano. In: RIBEIRO, B. et al. **O artesanato tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1983.

Sobre os autores

Henrique Rudolfo Hettwer – Graduação Geografia pelo Instituto Federal de São Paulo (2010); Especialização em Educação em Direitos Humanos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) (2015); Especialização em Sociologia para o Ensino Médio Humanos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) (2015); Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); **OrcID** – <https://orcid.org/0000-0003-0353-4588>

Daiane Loreto de Vargas – Graduação em Tecnologia em Agropecuária: sistemas de produção pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) (2009); Mestrado em Extensão Rural Humanos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) (2012); Doutorado em Extensão Rural Humanos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) (2016); Pós-doutoranda em Geografia pela Humanos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); **OrcID** – <https://orcid.org/0000-0003-4341-0264>

Como citar este artigo

HETTWER, Henrique Rudolfo; VARGAS, Daiane Loreto de. Territorialidades e uma “práxis libertadora” na dinâmica mercantil globalizada: o caso do artesanato em Caçapava do Sul/RS. **Revista NERA**, v. 21, n. 44, p. 184-204, set.-dez. 2018.

Declaração de Contribuição Individual

As contribuições científicas presentes no artigo foram construídas em conjunto pelos (as) autores (as). As tarefas de concepção e design, preparação e redação do manuscrito, bem como, revisão crítica foram desenvolvidas em grupo. A autora **Daiane Loreto de Vargas** ficou especialmente responsável pela revisão bibliográfica do desenvolvimento teórico-conceitual, organização e coordenação de trabalho de campo; o segundo autor, **Henrique Rudolfo Hettwer**, pelo desenvolvimento teórico-conceitual e aquisição de dados e suas interpretação e análise, pelos procedimentos técnicos e tradução do artigo.

Recebido para publicação em 21 de outubro de 2017.
Devolvido para a revisão em 17 de janeiro de 2018.
Aceito para a publicação em 18 de maio de 2018.
